

Longa espera por emprego

Davi Zocoli

Relatório do Dieese aponta Brasília como a metrópole onde os desempregados mais demoram para arranjar trabalho (52 semanas)

Brasília é o calvário dos desempregados. A capital federal, divulgou ontem o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos (Dieese), é a metrópole onde os desempregados mais passam tempo procurando trabalho - 52 semanas (um ano), em média, contra 42 de Salvador, 40 de Porto Alegre e Recife, 37 de Belo Horizonte e 36 de São Paulo.

Esse é um dos dados do balanço de cinco anos de Plano Real elaborado pelo Dieese, no qual também foi apontado o aumento da exigência de escolaridade no mercado de trabalho. De positivo, Brasília apresentou, entre 1994 e 1998, seguindo tendência nacional, aumento menor do que a inflação no preço da cesta básica.

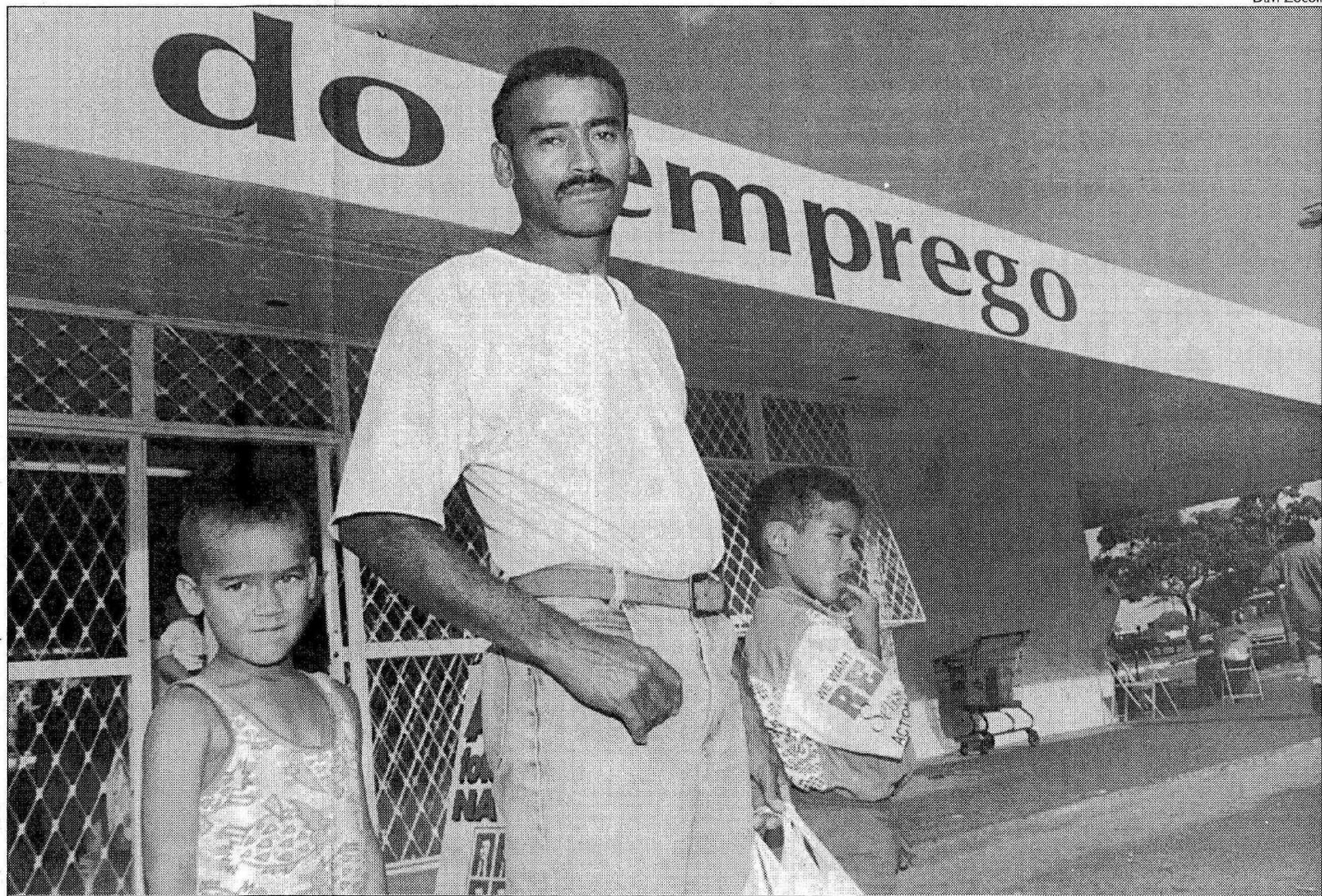
Apesar de a procura por emprego no DF durar mais tempo, conforme o balanço do Dieese, os técnicos da entidade explicaram que não se pode classificar Brasília como o mais difícil mercado de trabalho. Isto porque 55% dos quase 192 mil desempregados são migrantes de outras partes do País e, ao informarem há quanto tempo procuram ocupação, contabilizam a experiência em outras cida-

des.

“No DF, há uma dificuldade maior para se arranjar emprego. Mas muitos migrantes trazem herança de procura em São Paulo e Minas Gerais”, esclareceu Graça Ohana, coordenadora da pesquisa. Alheios a pesquisas e dados técnicos, os desempregados Franklin José Dias, 27 anos, Maria Antônia de Oliveira, 67 anos, e Zélia Barbosa, 29, sofrem na pele as consequências do hermético mercado brasiliense.

Cadastrados na Agência Pública de Emprego e Cidadania do Plano Piloto (hoje existem dez no DF, em substituição ao antigo Sistema Nacional de Emprego, o Sine), os três estão há anos em busca de um emprego. “Sou do Maranhão, cheguei a Brasília em 89 e até 95 trabalhei fixo. Depois disso, piorou e nunca mais consegui trabalho”, contou Franklin, morador do Recanto das Emas e pai de cinco filhos. Ele disse que até os “bicos” estão difíceis. “Faço bico de jardineiro, mas nem assim consigo alguma coisa”.

A situação não é menos dramática para a mineira (há 30 anos no DF) Maria Antônia, 67 anos. Numa idade complicada para arranjar uma ocupação, ela diz não poder contar com a ajuda do único filho, que está desempregado e já tem de cuidar da mulher e dos filhos. “Meu último emprego foi há oito anos. Nunca mais consegui nada”, diz Maria. Já Zélia Barbosa, que procura ocupação há quatro anos e só cursou até a 4ª série, lamenta não ter estudado mais. “Acho que teria mais chance”.



Franklin José Dias, 27 anos, diz que até os bicos estão difíceis: “Meu último emprego foi há oito anos. Nunca mais consegui nada”

É uma verdade apontada pelo Dieese. Quase metade dos desempregados do DF (43,4%) são analfabetos ou têm primeiro grau incompleto. Sob outro aspecto, em abril de 98, esse público respondia por 36,1% dos empregos,

caindo para 32,2% em abril deste ano (aqueles com segundo grau completo ou acima disso passaram de 45,9% do total de empregados para 49,8%).

A sorte dos menos favorecidos é que a cesta básica de alimentos

aumentou menos nos cinco anos de real do que a inflação, conforme a média nacional. De julho de 94 a maio de 99, a cesta subiu de R\$ 67,37 para R\$ 98,66 (aumento de 46,4%). Outra boa notícia é que o brasiliense, em julho de 94,

trabalhava 228 horas e 46 minutos para adquirir a cesta básica e hoje precisa trabalhar 159 horas e 36 minutos.

RODRIGO LEDO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA